

Alexandre A. R. Costa
HÁ ALGUMA COISA NA ÁGUA

VIAGEM PARA BAIXO E AO ATELIER

Motor Gallery

05. 05. 2011 - 28. 05. 2011



A Motor Gallery em Maio de 2011 vai apresentar uma exposição Individual do artista Alexandre A. R. Costa.

Alexandre A. R. Costa (Braga, 1973) tem vindo a levantar questões aos campos cultural, político, tecnológico e científico, e aos seus modelos de funcionamento e controlo, através de uma visão não-linear da realidade e da sua própria actividade artística, tomando como referência aspectos da complexidade desta e do sistema-arte (entre outros interdependentes). Na experimentação, que se desdobra do plano físico ao intelectual, desmontam-se discursos e posicionamentos, do artifício até ao mecanismo feudal e de poder, do plano radical da especialização até à pré-determinação de sistemas do conhecimento e produção contemporâneos. Um processo que contudo, não evidencia uma cândida lógica delatora, propõe antes um jogo metonímico de inquietação crítica, vinculado a uma perspectiva da arte que é substancialmente dinâmica e complexa, e que por isso, pratica a indecibilidade – lembrando-nos do lugar intermitente da arte dentro da realidade.

Local: Motor Gallery

Rua de São Paulo 121, Loja R/C Dto. (junto ao Elevador da Bica) , 1200-427 Lisboa

Inauguração: 05. 05. 2011, 19h

Duração: 05. 05. 2011 - 28. 05. 2011

Contacto: Herwig Turk turk@hairport.pt, tm: 969518105



HÁ ALGUMA COISA NA ÁGUA

VIAGEM PARA BAIXO E AO ATELIER

Alexandre A. R. Costa

De 05 a 31 Maio

Exposição individual na Motor Gallery - Lisboa

A minha prática artística não pretende recorrer redutoramente a uma lógica delatora; acredito sim que, tomando como referência aspectos da complexidade da própria prática, consigo levantar questões no campo cultural, político e científico, a um plano radical da especialização e da pré-determinação de sistemas do conhecimento e produção contemporâneos. Continua a ser, na minha opinião, fundamental uma inquietação crítica, vinculada a uma perspectiva orgânica e “corporização concreta” da arte – e isto para que a sua possibilidade contemporânea não se esqueça do lugar intermitente (complexo é certo) desta prática dentro da realidade.

Esta opção de pressupostos, que considero serem precisamente parte de todo um mecanismo de tensão, assume-se também como um propulsor de trabalho, salientando concomitantemente toda uma relação aberta que compreende também os seus estados de conflito. Penso que (para quem tenha estado atento ao meu percurso ao longo desta última década) isto se tenha tornado evidente muito substancialmente a partir da experiência e papéis transversais que tenho vindo a assumir (e a relacionar) na dinamização cultural, como artista, como “artista-comissário”, como fundador ou coordenador de projetos e espaços culturais, ou no papel de investigador teórico. Este estilhaçamento funcional do artista (que nunca foi uma coisa de “estratégia”, mas que foi simplesmente acontecendo por razões de solicitação, interação, substancialmente por necessidade de experimentação), colocou-me também em

evidência aquilo que entendemos por percepção dos interstícios e funcionamento dos sistemas complexos – em que o real se identifica, ou de uma visão não-linear dos acontecimentos, que se estende do fenómeno físico ao intelectual e que se transporta para muito daquilo que tenho vindo a desenvolver.

A imprevisibilidade que enuncio na minha prática é apresentada através de processos que se referem a toda uma linguagem que identificamos como caos, na qual confluem relações e interconexões sem condutas pré-definidas, assentes na indecibilidade. Através de sistemáticas retroalimentações cresce uma experimentação na qual condições externas se confundem na causa que é efeito, sendo este também causa. No comportamento destes “padrões de imprevisibilidade”, surgem resultados entrópicos (como também de regulação interna) que colocam interrogações ao sistema–arte, às suas regras, processos de controlo, ou à possibilidade da sua transformação. Interessa-me a insubmissão e a expansibilidade das possibilidades inerentes a estes procedimentos, que acabam por inaugurar ou descobrir falhas e defender aporias (tanto no meu processo experimental, como nos sistemas gerais); apresentando rastros, ruínas e a própria decepção de resultados. Solavancam-se sentidos e significados quando o significante se desmonta e se transmuta em prol do desarme crítico de fronteiras, sem deixar de inquietar ou provocar suspensão.

Aqui entra todo um plano (metonímico?!), de uma outra linguagem e da complexa relação entre conceitos e objetos, que nos falam de “conteúdo” e “forma” da própria arte contemporânea: dos seus pressupostos mecanismos de controlo, das regras, direitos e deveres em jogo, do *stablishment*, do funcionamento e interdependência da prática artística dos nossos dias, mas também do próprio atelier, da dissipação e explosão de todos os falsos limites. Deste modo, lanço dados para uma mesa que poderá ser de jogo como de debate: reequacionamos as regras ou ficamos por aqui? Desta forma, pretendo que a minha prática não assuma um posicionamento radical holístico, ou por outro lado que defenda um carácter simplista e redutor, mas sim, que a partir do próprio “atelier”, a dissecação do cenário contemporâneo humano e social ocupe um lugar importante. Refiro-me àquele cenário que vai propagandeando desde o progresso tecnológico e a sua dimensão feudal, ao consumo desenfreado e à exploração sem limites dos recursos naturais, das regras selváticas deste jogo global (gerido por lógicas de poder, plenos em discursos demagógicos e de ilusão, e que por sua vez promovem determinados lóbis e esquemas financeiros em expansão), até ao total desencanto e às conseqüentes posições de “guerrilha intelectual” e experimentação consciente das práticas.

A ideia de aceitarmos um sistema de dependência intensa (mas de aparente tranquilidade) que apenas permite algum espaço possível de manobra num jogo de vantagens, através de seduções pró-status, estratégias de dilatação do ego, benefícios financeiros, entre outras, não nos permite na realidade, a tão augurada liberdade do sujeito (do artista e da sua prática), e vincula-nos às suas determinações, sendo fácil perceber que um sistema destes cobra-nos tanto ou substancialmente mais do que nos dá. São sistemas que nos controlam e não tendo qualquer intento solidário, procuram a queda de qualquer dissidente ou força desestabilizadora dos seus objetivos. Acredito que este cenário de sujeição detém alguns dos fatores que nos podem levar à alienação (como ideologia), ao alheamento e à amnésia, e inclusivamente, mesmo à incomensurabilidade das crises humanas, sociais e culturais, que se

estendem do sujeito comum (do artista), até a níveis gerais globais. São estes sistemas fechados, que optam pelo controlo, em vez do alerta de perigo, que nos confundem efetivamente e nos criam enganos sobre o que é o estado do real, do complexo, do dinâmico, do aberto, conseguindo criar “vontades” de inércia perante toda a cinética contemporânea. É imperioso, para um conhecimento sobre a consciente relação entre obra e real, uma permanente atualização sobre a força transmutativa de tudo o que faz parte do nosso horizonte espaço-temporal. Ganharemos a possibilidade, ganharemos a interrogação aos sistemas de influência perversa, ganharemos a pergunta: podemos fazer acontecer um sistema aberto, dinâmico e complexo, mergulhando neste estado de dissipação e aproveitando-o, reduzindo desde o seu interior os sistemas isolados que produzem entropia de forma artilosa com objetivos demagógicos de controlo e poder?

Os projetos que vou desenhando, procuram portanto de uma forma ou de outra, desmontar esses discursos e posicionamentos reducionistas, acríticos e artificiosos, através da análise do aumento da desordem da minha própria energia (energia de toda a natureza física ou conceptual, todas as transmutações e mecanismos de funcionamento da minha prática) assim como de todo o sistema da arte. Por outro lado, esta experimentação (teórico-prática) que se desdobra por variados quadros de compromisso disciplinar, interdisciplinar e de responsabilidade face à arena de conflitos, projeta hipóteses e interpolações sistémicas, da e para a arte, com referência aos seus intervenientes e possibilidades no seu âmbito e campo de comportamento.

Alexandre A. R. Costa

Porto, Abril de 2011

mini-biografia (por):

Alexandre A. R. Costa (Braga, 1973)

vive e trabalha actualmente em Pontevedra e Porto

<http://alexandrearcosta.com/>

actividade profissional

Artista e Comissário - Desenvolve uma actividade transversal entre a prática artística contemporânea e a curadoria.

Membro fundador e responsável pela programação de artes visuais do projecto programático Artemosferas / Cluster criativo - Espaço Artes Múltiplas I.A.C. Porto (2001-2003).

Director do projecto de arte contemporânea I.M.A.N. (2005 - presente).

Docente do ensino superior (Escola Superior de Tecnologia e Gestão e Escola Superior de Educação - IPVC).

Actualmente: Bolseiro da F.C.T. para o desenvolvimento de Tese de Doutoramento, em Espanha.

estudos

- Desenvolve actualmente a sua tese de Doutoramento com o título: "A prática artística contemporânea entre a entropia e a auto-regulação" com orientação de Javier Tudela.

- Curso do programa de Doutoramento da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Vigo [2004], obtendo o Diploma de Estudos Avançados de Doutoramento [D.E.A.] [2005] com o projecto: "Flexibilidade e transmutação da arte como projecto contemporâneo insubordinado ao sentido".

- Pós-Graduação - [Master of Arts Research programme] com uma investigação em torno das "Site-specific & Public Art Practices at Visual Arts Higher Education", Surrey-Roehampton University, em Londres.

- Licenciatura em Artes Plásticas – Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto [1994-1999].

- Escola Artística Soares dos Reis, Porto.



Em Maio de 2010 a "Motor-Hairport Gallery" abriu as suas portas.

O espaço, com cerca de 150 metros quadrados, tenciona ser um local de experimentação e residências artísticas, workshops, conferências, projecções, performances e exposições.

A galeria não é um espaço neutro e está longe de ser um *white cube*: parece-se mais com a oficina que sempre foi, já que há não muito tempo se lavavam e reparavam aqui motores de camiões. Podemos serrar madeiras, soldar metais e converter o espaço de novo em oficina ou transformá-lo temporariamente num estúdio de televisão ou numa estação de rádio do bairro.

Mais do que um espaço de consumo, a intenção é ser um lugar de encontro, discussão e desenvolvimento de projectos. É preciso arriscar, ensaiar e experimentar ideias e conceitos. Obras em processo são bem-vindas e serão a base de discussões construtivas.

O nosso objectivo é cruzar disciplinas e construir uma rede internacional de contactos e projectos.

Tudo se passa num ambiente privado, facilmente acessível e *low budget*. Os proprietários podem fornecer ferramentas, materiais e alguma tecnologia.

Apesar de alguns espaços semelhantes terem surgido nos últimos anos, pensamos que este tipo de canais, em que uma pequena empresa privada investe em experiências artísticas, faz ainda falta em Lisboa. Manter o espaço, numa época em que o orçamento para a cultura (que sempre foi insuficiente) ainda diminui, parece-nos uma forma de mostrar responsabilidade social. O que recebemos em troca é a inspiração que nos transmitem as abordagens não convencionais dos projectos que acolhemos.